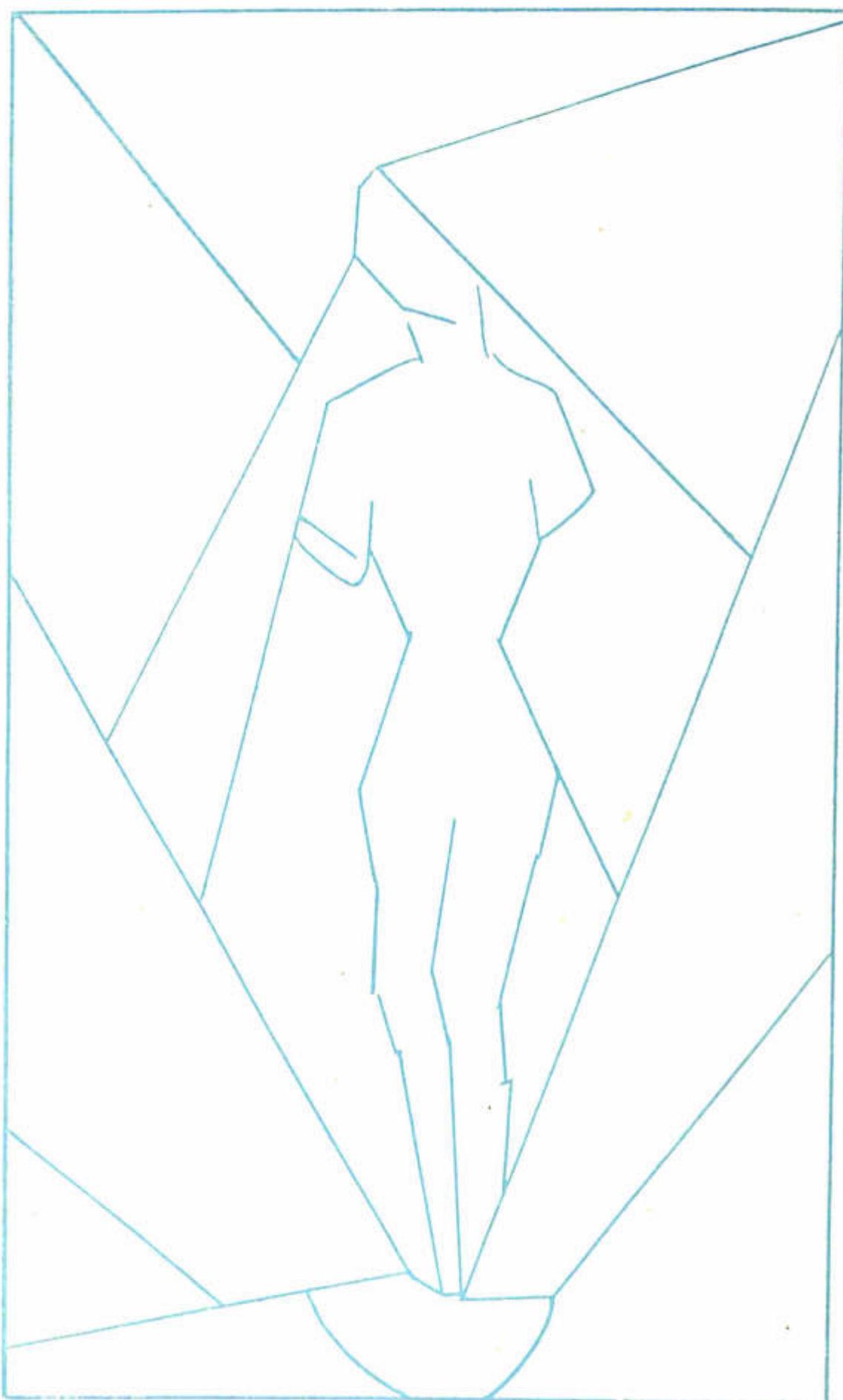


I Salão Livre de Artes Plásticas

C
L
U
B
E
D
E

G
U
L
T
U
R
A



A Função Social da Cultura

Homenagem do Departamento
de Artes Plásticas do Clube de
Cultura a
MIGUEL ANGELO
pelo
IV.^o Centenário de sua morte.

A cultura é a sublimação do conhecimento. O conhecimento é o elo que liga intimamente o homem à sociedade, à natureza, ao mundo enfim que o rodeia. A cultura não é válida quando significa apenas uma simples acumulação de conhecimentos. O conhecimento perde sua expressão quando pretende enclausurar-se, viver numa redoma, sem irradiação, sem comunicar-se através da experiência e do exame. Conhecimentos desse teor, falhos e omissos, só podem gerar uma cultura que perde a sua razão de ser, que deixa de ser cultura para criar um "erzatz" perigoso, muito capaz de elaborar conceitos aparentemente corretos, mas fundamentalmente errados, porque não dizer, perniciosos!

A verdadeira e autêntica cultura inspira-se sempre, e em profundidade, na mais íntima ligação com o homem, com os seus problemas em relação ao meio social em que vive, com a natureza que o cerca, com a terra, e ainda falando da natureza, com os fenômenos naturais, o fogo, a água, a energia nuclear, num aproveitamento racional em seu benefício. Quando a cultura se expressa em termos humanos, ela se dignifica, funciona socialmente e permite ao homem conhecer-se melhor e conhecer melhor o mundo em que vive. Quando o filósofo sentenciava que o homem deve identificar-se com a natureza, queria dizer que suas necessidades fundamentais deveriam ter atendimento impostergável.

... E essa, parece, tem sido, de forma generosa, a atuação do Clube de Cultura, nesses seus fecundos quatorze anos de existência. Na modestia diria melhor, na humildade de seus sonhos, o qual quase quixotesco de suas pretenções, vem seguindo a risca o seu programa. Fazer cultura, mas cultura no melhor sentido, o mais amplo e atuante. Construir uma casa, mobilizar esforços, unir a ação e o pensamento num ato construtivo, oferecendo teatro, artes plásticas, música, cinema, ciência, espalhando cultura em todas as direções por uma simples razão humanista. E este motivo que traz dentro de si um luminoso halo de grandeza, é a chispa, a centelha que haverá de incendiar os últimos redutos do obscurantismo e de intolerância.

O trabalho do Clube de Cultura tem a consistência dos arreios de aço que derrubam muros e alcançam alvos distantes, confunde aos minhados e gratifica adversários que possa ter, si é que os tem! Conquistar novos e sinceros amigos e isto é trilhar novos caminhos, abrir clareiras, ampliar horizontes, fixar novos pontos de partida, novos marcos de progresso cultural, dando à cultura seu legítimo sentido, o sentido social, aquêle que não se limita ao estéril individualismo, mas ao vasto e sábio território humano que irmana coletivamente todo o universo.

Esta tem sido a meta do Clube de Cultura, continuará sendo, sem dúvida, por muitas gerações.

O que dizemos acima, creio que explica as razões que nos levam a comemorar o IV Centenário de Miguel Angelo e justificam a organização de nosso I Salão Livre de Artes Plásticas.

J. K.

CAPA — Desenho da Sra.
Lysete Scaravaglioni, compo-
nente do depart. de artes plás-
ticas.

PEREIRA

ORIENTAÇÃO E BOM
GOSTO EM MOLDURAS

Vigário José Inácio, 529

A LIVRARIA LEONARDO DA VINCI cumpri-
menta o Clube de Cultura por tão admirável iniciativa
cultural.

MIGUEL ÂNGELO BUONAROTI, era escultor, pintor, ar-
quiteto e poeta.

Nasceu em 1475, em Caprese, na província do Casentino, que seu
pai governava em nome de Florença, e morreu em Roma em 1564. Fêz
seus primeiros estudos nos «ateliers» de Bertoldo e Ghirlandajo, mas se
inspirou nos modelos da antiguidade, sendo seus predecessores imedia-
tos, Giacomo della Quencia e Donatello. Formava éle já sua maneira
própria, cheia de fogo, ao mesmo tempo robusta e nervosa, com uma
predileção marcante para os efeitos da musculatura e do dramático.

Do seu primeiro período datam: «A MADONA», em baixo relêvo da
Casa Buonaroti, em Florença; O COMBATE DOS CENTAUROS E DOS
LAPITES; O ANJO AJOELHADO, e DUAS VIRGENS.

De sua primeira estada em Roma, no pontificado de Alexandre VI,
em 1496, pertencem: «BACCHO EBRIOS», «CUPIDO AJOELHADO»,
«ADONIS MORRENDO», e a «PIETÀ» da Basílica de S. Pedro.

De volta a Florença, esculpiu o «DAVID», que ficou exposto na praça
da Signorie. Mais tarde, pintou o famoso cartão da «GUERRA DE
PISA», do qual só temos reproduções fragmentadas, — página cheia de
vida, movimento, e ainda seu quadro «A SANTA FAMÍLIA».

Na ascenção de Julio II, BUONAROTI voltou a Roma. O mauso-
lêu, que Julio II lhe encomendou para a Basílica de S. Pedro, devia com-
preender umas 30 estátuas. Apesar de ter trabalhado quase 40 anos
neste conjunto, sómente meia dúzia de estátuas foram terminadas. É
verdade, que são obras primas: «MOYSÉS», os «2 ESCRAVOS», o «GE-
NIO DA VITÓRIA».

No intervalo, em 1501, M. Angelo esculpiu, para a Catedral de Brus-
ges, o encantador grupo da VIRGEM, sentada, tendo o Menino Jesus em
pé, a seu lado.

Brigado com Julio II, (o artista tinha uma certa tendência para a
misantropia), Buonaroti fugiu para Florença. Depois reconciliou-se
com seu protetor, e executou uma colossal estátua, em bronze, para a
cidade de Bologna, e, após, retornando a Roma, éle produziu, de 1508 a
1512, o esplêndido conjunto de afrescos da capela Sixtina. Nessa evoca-
ção, das cenas mais dramáticas, da Génesis (Deus separando a luz das
trevas, a Criação dos mundos, a Separação das terras e das águas, a
criação do homem, a criação da Mulher, a Tentação, a Expulsão do Pa-
raíso, o Sacrificio de Noé, o Dilúvio, a Embriaguez de Noé), as quais
fazem sequência — A SERPENTE DE... A HISTÓRIA DE ESTER, de
JUDITH, de GOLIAS, não menos que as figuras dos Profetas e das Si-
bilas, M. Angelo se imbuíu da grandeza épica do Antigo Testamento; éle
mostra-se, alternadamente, grave e sublime, vivo e impetuoso, doce e
comovido.

Depois de um recolhimento, que se prolongou durante quase todo o
pontificado de Leão X, só o «CRISTO» da igreja de Minerva, viu o dia,
neste período.

M. ANGELO, começou a tarefa, que deveria formar com o mauso-
lêu de Julio II, sua obra mestra, enquanto escultor: os túmulos dos Mé-
dicis, na basílica de São Lourenço, em Florença (1519 1534). O artista
criou surpreendentes personificações da força da natureza, ou das ori-

PARTICIPANTES DO I SALÃO LIVRE DE ARTES PLÁSTICAS

CLUBE DE CULTURA

SETEMBRO DE 1964

ALFREDO HOFFMANN		FRANCISCO STOCKINGER (XICO)		RICARDO RANGEL
1 — Fragmento da Ceia	óleo	23 — Mulher	bronze	43 — Composição
2 — Othelo	óleo	24 — Grupo	bronze	óleo
AVATAR DA SILVA MORAES		GASTÃO HOFSTETTER		ROGERIO MALINSKY
3 — Diptico I	óleo	25 — Verão	óleo	44 — Lavadeiras
4 — Diptico II	óleo	26 — Outono	óleo	45 — Grupo
BENJAMIN AVERBUCK		HENRIQUE LÉO FUHRO		SARA LÉA SIMINOVICH
5 — Resignada Desilusão	desenho	27 — Gravura I	xilogravura	46 — Menino
6 — Mulher de Varsóvia	desenho	28 — Gravura II	xilogravura	VASCO PRADO
CARLOS ROSEMBERGAS		JORGE ALBERTO DE OLIVEIRA SILVA		47 — Eleonora
7 — Cabeça estudo	óleo	29 — Desenho	desenho	48 — Mulher na Rede
8 — Moça	desenho	JOÃO BEZ BATTI		49 — Galo
CARLOS GUSTAVO TENIUS		30 — Fauno	mármore	50 — Cavalo
9 — Matadouro	ferro fundido	31 — Profeta	mármore	ZORAVIA BETTIOL
10 — Grupo	ferro fundido	JOCI MORAES		51 — Romance
CARLOS ANTONIO MANCUSO		32 — Preto Velho	óleo	52 — Vendedor de Balões
11 — Barcos	aquarela	33 — Paisagem	óleo	53 — Peixes
12 — Paisagem	aquarela	JOSE ROBERTO BONATO		54 — Adão e Eva
DANÚBIO VILAMIL GONÇALVES		34 — Torso I	desenho	PAULO PORCELLA
13 — Malocas	xilogravura	35 — Torso II	desenho	55 — Figura
14 — Interior	litografia	LYSETTE SCARAVAGLIONI		56 — Natureza Morta
EVA FIGLARZ		36 — Pequeno Príncipe	óleo	Têmpera
15 — Austeridade	desenho	37 — A Bordadeira	óleo	Têmpera
16 — Moça	desenho	38 — Os Amantes	argila	
FRANCISCO BRILHANTE		39 — Natal	cerâmica	Da coleção do Dr. Rubem Knijnik
17 — Cabeça Estudo	óleo	REGINA SILVEIRA		JOAN MIRÓ
18 — No Lago	óleo	40 — Pátio	têmpera	Cartaz Album 19
19 — Cabeça de Índio	desenho	41 — Apôio	têmpera	MARC CHAGALL
20 — Auto retrato	desenho	PAULO ROBERTO ROSSI ABBOTT		Gata Metamorfoseada em Mulher
FRANCISCO RIOPARDENSE DE MACEDO		42 — Cabeça	desenho	água forte
21 — M'Boi Tatá	xilogravura			PABLO PICASSO
22 — Leveza	xilogravura			Faunos do Verão
				serigrafia

gens do mundo, que se chamam: O DIA E A NOITE — O CREPÚSCULO E A AURORA.

Quanto ao elemento moderno, ele marcou seu lugar, nas duas estátuas, de Juliano e Lourenço de Médicis, um calmo e sorridente, que escuta com benevolência, um orador invisível; o outro, o PENSADOR — como tão justamente foi chamado pela posteridade, que está absorvido em profundas meditações.

M. ANGELO, não pegou mais no cinzel e o malho, senão para obras mais ou menos fragmentárias; o busto de BRUTUS, que está no museu Nacional de Florença, e a DESCIDA DA CRUZ, na Catedral da mesma cidade.

Mas, enquanto o escultor abdicava progressivamente, o pintor se acentuava, por um novo golpe de esplendor, o ÚLTIMO JULGAMENTO, pintado sobre uma das paredes, da Capela Sixtina. (1534-1541).

O Buonaroti aproxima-se dos 50, quando, pela primeira vez, começou a praticar a arquitetura, com a Capela dos Médicis. Ele criou, ao mesmo tempo, com impeto, onde a procura do relevo lhe importava mais que as belas linhas calmas e harmoniosas, as engenhosas transições, tão caras a Bramante e a Rafael. Estes defeitos se agravaram ainda, na biblioteca Laurentina, em Roma.

M. ANGELO modificava a praça do Capitólio, e compunha a cimarra, tão justamente admirada, do Palácio Farnéze, a continuação dos trabalhos de São Pedro, e sobretudo a construção da famosa cúpula, formam o término de sua carreira de construtor.

Ao mesmo tempo, que o cinzel, o pincel e o compasso, M. Angelo manejava a pena. Sua ligação com uma poetisa célebre, Vitoria Colonna, o encorajou nesta veia. Suas RIMAS, se compõem de epigramas e epitáfios, de madrigais, de «stanze», de «canções», e sobretudo de sonetos. Estas composições, estão entre as mais belas da literatura italiana, pela linguagem pura e colorida, pela riqueza das rimas e pelo estilo verdadeiramente lapidado.

M. ANGELO, morreu aos 89 anos, coberto de honrarias. Seus despojos mortais, foram transportados a Florença, e depositados na igreja de Santa Cruz.

Casa das Molduras

EMOLDURAÇÕES EM 15 MINUTOS

Andradas, 1568 — Fone 4362 — PÓRTO ALEGRE

ARTIGOS PARA
DESENHO — ENGENHARIA — PINTURA
HELIOGRAFIA — MÁQUINAS

LEMAC

INDÚSTRIA HELIOGRÁFICA LEOPOLDO MACHADO S/A.

Rua dos Andradas, 1719 — Fone: 55-29

Caixa Postal, 131 —

— PÓRTO ALEGRE

O Clube de Cultura agradece ao insigne conferencista
Prof. Angelo Ricci.

Exposição permanente de pintores nacionais e internacionais

Galeria de Arte Scarinci

Galeria Malecon - Loja 14 - P. Alegre - Rio G. do Sul

Este catálogo pertence a (o)

Caixa Econômica Estadual do Rio Grande do Sul

8 bilhões de cruzeiros e 40 Agências (Pôrto Alegre e interior) para servir aos gaúchos.

Este o acervo da CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL, construído para o usufruto do Rio Grande, graças à colaboração dos seus 185 mil depositantes.

A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL soma as economias dos que tem para benefício dos que precisam.

Depositando na CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL, você estará dando uma boa aplicação ao seu dinheiro e, ao mesmo tempo, proporcionando crédito acessível aos que precisam.